

## **Cores, Muros e Histórias - Relatos de quem faz a arte urbana em Macapá<sup>1</sup>**

Fabiana Figueiredo BELO<sup>2</sup>  
Nycolas dos Santos ALBUQUERQUE<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### **Resumo**

Este trabalho descreve o processo de elaboração do documentário audiovisual intitulado “Cores, Muros e Histórias”. Trata-se de uma produção experimental que mostra a arte urbana nos muros da cidade de Macapá, através dos relatos de artistas que utilizam este meio de comunicação como forma de expressar opiniões e a própria arte. O produto foi produzido e apresentado durante a disciplina Documentário, em 2014, no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

**Palavras-chave:** documentário; arte urbana; muros; relatos; Macapá.

### **1 - Introdução**

As mais diversas formas de intervenções artísticas e modos de expressar opiniões no meio social têm adquirido novas formas em Macapá. Utilizando-se dos muros da cidade, sejam em residências, em prédios públicos ou abandonados, os artistas do grafite e pintura com pincéis e aerógrafos<sup>4</sup> começaram a descobrir a potencialidade desses espaços e intensificaram o uso deles para transmitirem suas opiniões ou mostrar a própria arte, seja como um passatempo ou como uma proposta de trabalho.

A partir do momento em que as intervenções nos muros começaram a chamar a atenção dos moradores da cidade, inicialmente, com uma baleia pintada em um muro de uma das ruas mais movimentadas da capital amapaense - explicitando até certos preconceitos, alguns velados anteriormente - foi que surgiu a proposta de documentar relatos de quem faz parte dessa temática.

O documentário aborda assuntos sociais relevantes por ser de caráter informativo, com a ideia de ampliar o conhecimento sobre esta área. Segundo Bill Nicholls, uma representação social relatada em documentário possibilita uma nova

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso)

<sup>2</sup> Aluna líder e estudante do 7º semestre do curso de graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Amapá (Unifap), e-mail: fabianaafb.ap@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho e professor do curso de graduação em Artes na Universidade Federal do Amapá (Unifap), na disciplina Documentário, e-mail: nycolas\_albuquerque@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Instrumento de ar comprimido utilizado para realizar pinturas com jatos de tintas.

percepção e compreensão do mundo comum. “Os documentários de representação social, proporcionam novas visões de um mundo comum para que as exploremos e compreendamos”. (NICHOLLS, 2005, p. 27)

A partir destes princípios, almejamos compreender o que pensam os criadores das intervenções, como eles analisam o cenário da arte urbana em muros na cidade e o que eles querem com esse tipo de atitude.

Utilizando o formato de documentação expositivo, a experiência tornou-se válida a partir do momento em que os entrevistados ficaram livres para relatarem as situações relacionadas às expressões artísticas nos muros, tanto de apoio quanto de preconceitos e rejeições. É neste cenário que o documentário “Cores, Muros e Histórias” se desenvolve.

## **2 - Objetivo**

Elaborar um videodocumentário que mostre a realidade, incluindo características e histórias da arte urbana nos muros de Macapá, contadas através dos trabalhos e dos artistas, como uma forma de desconstruir estereótipos preconceituosos quanto a essas formas de expressões de opiniões, considerados uma “sujeira” na cidade. Além disso, o trabalho também quer mostrar de que forma esse tipo de arte pode interferir na vida das pessoas, como qualificam os personagens através das entrevistas.

## **3 - Justificativa**

A proposta de realização do documentário “Cores, Muros e Histórias” surgiu a partir da constatação do crescente aumento de intervenções urbanas através das artes criadas nos muros da capital amapaense, Macapá. Propôs-se, então, conversar com artistas locais que conhecem e fazem parte da realidade da arte urbana. A ideia era deixar que eles falassem por si sobre definições, o cenário do seguimento artístico e histórias sobre esse tipo de expressão social que adequa novas narrativas estéticas para a cidade.

É importante registrar os relatos e, principalmente, os trabalhos porque estes são ameaçados a desaparecer, de forma natural, e podem não mais existir daqui a algum tempo. Como é o caso de uma das artes registradas pelo documentário e que, sete meses após as gravações do referido, foi apagada.

Mesmo não sendo considerada um tipo de arte de contemplação, faz parte do cenário diário da Macapá urbana.

#### **4 - Métodos e técnicas utilizados**

O curta-metragem partiu do ponto de vista de que a arte é subjetiva e de que, para Nichols (2005), o documentário “não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos”, a partir da visão do próprio diretor compartilhada através da produção audiovisual. Assim como definem Cristina Melo, Isaltina Gomes e Wilma Morais:

Ou seja, se por um lado o documentarista dá voz aos seus retratados com o objetivo de levar o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação a um tema, por outro, esse mesmo documentarista almeja convencer o público de que a história que está sendo narrada tem uma moral - à semelhança das narrativas literárias. (MELO, GOMES, MORAIS, 2001)

O vídeo foi feito de forma livre e espontânea, desde a concepção do projeto, passando pelas gravações e até mesmo na pós-produção. A liberdade é a característica adquirida durante o processo do trabalho, da mesma maneira como os artistas produzem a arte urbana, ou pelo menos pretendem produzir.

O documentário seria, portanto, narrado através dos entrevistados. A escolha dos personagens foi feita a partir de contatos com dois grupos independentes que produzem arte urbana na cidade: Catita Clube e 100 ID, e também de artistas com trabalhos já conhecidos através dos muros. Os entrevistados citariam e dariam uma noção sobre diferentes áreas desse tipo de arte em muros, tais como os que utilizam tintas e pinceladas, os que utilizam spray para a grafiteagem e o instrumento de compressão de tinta para aerografia.

Optou-se por utilizar imagens dos entrevistados em locais que remetessem às artes feitas nos muros. Os trabalhos produzidos e reproduzidos nos muros da cidade também foram registrados no documentário. A ideia é mostrar os métodos, técnicas e desenhos representados, o que provoca a reflexão associando os trabalhos ao que os entrevistados narram, já que o documentário também busca um olhar mais humano sobre esse tipo de expressão artística.

Em cinema ou televisão, o aspecto visual é mais importante do que verbal. Se o autor pode passar uma informação visualmente em lugar de o fazer verbalmente, muito melhor. Assim, a expressão ou reação

silenciosa de uma personagem pode ser mais significativa do que uma interferência verbal. (COMPARATO, 1995, p.243).

O documentário procura ser uma condição de desconstruir os estereótipos criados sobre a arte urbana produzida nos muros, muitas vezes denominada de “pichação” e considerada um tipo de sujeira na cidade.

Para alcançar os objetivos proposto pelo projeto inicial do documentário, foram mapeados os desenhos feitos nos muros pela cidade, principalmente em espaços onde foram criados diversos trabalhos, a maioria, no Centro de Macapá.

Após mapear as pinturas, os artistas que seriam os possíveis entrevistados também foram identificados. Para o registro audiovisual dos depoimentos, os personagens foram esclarecidos sobre os objetivos e o processo de produção do projeto. Três artistas que trabalham profissionalmente ou não com a arte em muros concordaram em participar como personagens do documentário.

Os entrevistados assinaram Termo de Uso de Imagem e Som, assim como autorizaram reprodução dos trabalhos encontrados pela cidade.

As gravações foram feitas pela acadêmica Fabiana Figueiredo, e aconteceram em agosto de 2014, utilizando a câmera Nikon 3100, cedida para este fim pela Universidade Federal do Amapá. Para cada entrevistado, um cenário de filmagem foi devidamente definido pela produção do documentário, inclusive uma das sonoras envolvem sons de trânsito, caracterizando a paisagem urbana.

As tomadas dos trabalhos nos muros foram feitas com a “câmera na mão” e, nas cenas iniciais e finais do documentário, de dentro de um carro em movimento, cedido pela produção do documentário para este fim.

A música-tema do documentário, garantida com Termo de Autorização de Uso de Trilha Sonora, criada por um músico e grafiteiro amapaense, aborda conflitos característicos da realidade urbana.

A partir da coleta de imagens e definição da trilha sonora, foi realizada a decupagem das imagens e entrevistas. Após o processo, começou a edição do documentário audiovisual e a finalização do projeto.

## **5 - Descrição do produto ou processo**

O documentário “Cores, Muros e Histórias” é colorido e tem a duração de 10 minutos. O tempo foi preenchido com depoimentos e imagens de artistas da arte urbana

em muros espalhados por Macapá, imagens dos trabalhos que ocuparam espaços na cidade e de trânsito e carro em movimento.

O título foi escolhido somente no processo de finalização do projeto, após perceber que o documentário mostra os trabalhos coloridos, representados nos muros da cidade, explicados através de histórias relatadas por quem faz a arte urbana em Macapá.

A produção conta com depoimentos de três artistas: Carla Antunes, Marconi Silva e Rogério Araújo.

Carla é professora de artes na rede estadual de ensino e tem um trabalho voltado para a produção audiovisual no Amapá. Ela também fez parte do grupo Catita Clube. O grupo surgiu em 2011, através de uma exposição produzida pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) em Macapá que resultou em convites entre os artistas para fazer intervenções nas ruas, por meio da grafiteagem, uma forma de divulgar mais amplamente os trabalhos.

Meses depois, o grupo ganhou uma sede, situada na Avenida FAB, onde realizava exposições, galerias, shows de bandas autorais, brechós, produção de fanzines, blusas customizadas, bottons e quadros. No muro da Piscina Olímpica de Macapá localizado em frente à casa, os artistas, em conjunto, desenharam uma baleia colorida. O trabalho continha traços do trabalho de cada integrante do grupo.

O desenho foi um dos que impulsionaram o aparecimento de outras intervenções nos muros da cidade e também foi um dos mais conhecidos pela população por estar situado em uma rua movimentada, uma das principais vias de Macapá. Em março de 2015, a baleia foi apagada do muro com uma pintura sobreposta após uma pequena reforma realizada na área externa da piscina olímpica.

O grupo também chegou a realizar o projeto “Matinê, o que?!”, que consistia em ocupar espaços públicos como praças, com atividades relacionadas a revitalização do local e lazer. Porém, desde 2014, o grupo deixou de fazer as intervenções e os ex-integrantes começaram a investir cada um na própria carreira.

Marconi Silva é o segundo entrevistado que aparece no documentário “Cores, Muros e Histórias”. Ele faz parte do grupo 100 ID, ativo desde 2013, com a proposta de ministrar oficinas para jovens e adultos que procuram aprender técnicas da arte urbana, e reunir artistas para produção em massa.

Marconi também trabalha na área de criação em uma agência de comunicação e produz arte urbana de forma comercial, através de pedidos, contratos e pagamentos. A criação é por conta do solicitante.

Nomed, como é conhecido Rogério Araújo na arte urbana, é design gráfico, ilustrador e se divide no trabalho com o prazer em grafitar. Em 2014, ele atuava como diretor do Museu da Imagem e do Som (MIS) do Amapá.

Durante as gravações do documentário, acompanhamos o trabalho de Nomed em uma residência. A arte foi criada pelo artista e foi montada em, pelo menos, três dias, desde a criação até a finalização no muro. Para ele, a arte urbana não pode sofrer intervenção e nem ser encomendada: tem de ser da mente do artista direto para as “telas”. “O artista precisa de dinheiro, mas também ele não tem que só pensar, ele tem que ter mais liberdade poética para poder produzir e fazer um trabalho legal”, comentou Rogério.

Durante as gravações, também participaram do documentário os artistas Jeniffer Nunes, conhecida como JJ, e Daniel Nec.

A música utilizada na produção é “Revisão Geral”, da banda Overhaul, escrita pelo grafiteiro Keshi.

Optou-se por produzir um documentário em modo expositivo, enfatizando a lógica informativa através do depoimento, do comentário verbal (NICHOLS, 2005, p.143) dos artistas de arte urbana. Sendo assim, as imagens sustentam afirmações básicas de um argumento geral, feitas de maneira sucinta, em palavras (p.144).

De outro modo, no curta-metragem também pode ser identificada uma produção de modo participativo, pois nesse tipo de documentário, “a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema” (p.159), mostrando a provocação de perguntas ao entrevistado.

O produto final foi construído na ordem das perguntas feitas aos entrevistados, sobre quem são; como se definem dentro da cultura urbana; a visão de cada um sobre esse tipo de expressão; situações que marcaram a partir das intervenções feitas; como é trabalhar com a arte urbana em Macapá; e falaram sobre o que desejam para esse tipo de trabalho na cidade.

O processo de produção, filmagens e roteiro foi feito pela acadêmica Fabiana Figueiredo. A edição e finalização do material audiovisual foram realizadas por Rodrigo Sales, através do programa Adobe Premiere Pro CC.

## 6 - Considerações

Com a realização das entrevistas para o documentário foi possível perceber que o cenário da arte urbana em Macapá ainda está em crescimento. Não se percebe a pretensão de serem feitas intervenções de formas clandestinas ou irresponsáveis por parte dos artistas. Estes procuram espaços abandonados ou recebem autorização para realizarem, de forma autêntica e original ou para fins comerciais, desenhos que não somente “decoram” a cidade, mas almejam criticar situações que afetam a cidade, o país e o mundo.

Se, para Fernão Ramos (2001), ao assistir o documentário, o espectador sentir empatia pelos personagens e compreender seus pontos de vista, se identificando, portanto, com eles, então este documentário terá conquistado o objetivo de mostrar realidades e desconstruir estereótipos de que a arte urbana é algo errado e suja a cidade.

Assim, propõem-se, ainda, que o morador da cidade comece a perceber a intervenção como uma obra de arte para ser admirada e analisada de forma com que mude de alguma forma a própria vida. Desta forma, também o jornalismo tem cumprido seu papel social, por meio da colaboração com o registro, a divulgação da informação e reflexão sobre a realidade.

Produzir o “Cores, Muros e Histórias” possibilitou, ainda, à equipe de produção novas visões sobre as diversas formas de intervenção urbana, que vão além da grafiteagem feita pela tinta de um spray. É uma forma de criticar realidades, ensinar e entreter as pessoas que têm acesso aos muros desenhados pela cidade.

O documentário, ainda, permitiu novas descobertas - durante o processo de criação, produção, edição de imagens e finalização - no campo do audiovisual em quem ajudou a produzir o trabalho, despertando diferentes ensejos que contribuem com a carreira na comunicação social, especificamente no jornalismo e na área cinematográfica.

## Referências bibliográficas

COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro: o mais completo guia da arte e técnica de escrever para televisão e cinema**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1995.

MELO, Cristina; GOMES, Isaltina e MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande-MS, Setembro de

2001. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF> <acesso em  
06.04.2015>

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é Documentário?** In: RAMOS, Fernão; CATANI, Afrânio. Estudos de Cinema SOCINE 2000. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.